

DOM CASMURRO E A (SUA) VERDADE¹

DOM CASMURRO AND HIS TRUTH

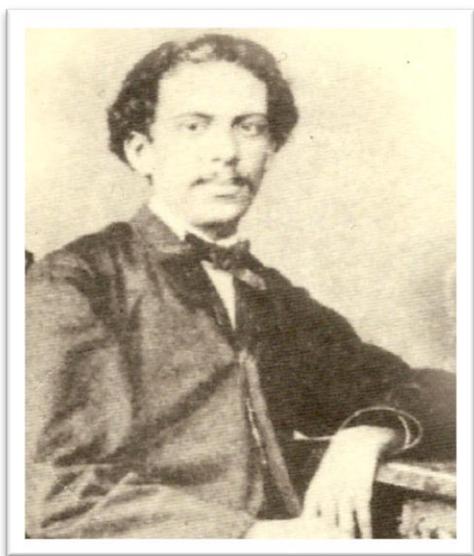
Jeanine Alexandre Fialho

Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

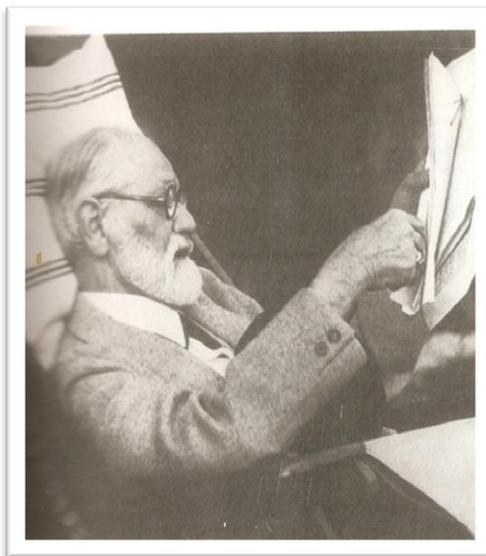
Psicanalista - Membro da Maiêutica Instituição Psicanalítica

Linha de Pesquisa: Psicanálise e Literatura

j.fialho@terra.com.br



Machado de Assis
Fonte: Assis (2004)



Sigmund Freud
Fonte: Gay (1989)

Todos sabemos que a arte não é verdade. Ela representa a mentira que nos faz perceber; pelo menos a verdade que nos é dado entender.

Pablo Picasso

*Tudo é perda, tudo que buscar, cadê/
Tanta gente canta, tanta gente
cala/
Tantas almas esticadas no curtume/
Sobre toda estrada, sobre
toda sala/Paira, monstruosa, a sombra do ciúme.*

Caetano Veloso

Se os ciúmes flertam com a totalidade, os ciumentos querem casar com ela.

Ângela Brasil

RESUMO

Machado de Assis e Sigmund Freud superaram certezas edificantes do século XIX. Com suas obras, estilos e origens diversas, demonstraram a impossibilidade do encontro perfeito, os limites de *ser todo*. Este trabalho busca, através dos escritos destes autores, demonstrar como a relação entre a psicanálise e a literatura permite gerar novos efeitos diante de velhos e insolúveis enigmas. A partir da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, demonstramos a verdade do sujeito vinculada à realidade psíquica. Indiferente à realidade dos fatos, ou delirante em sua certeza, Bento Santiago *sabe* sobre a traição de Capitu, colocando em relevo o temor do ciumento diante de sua falta. A teoria psicanalítica destaca que, no ciúme, há uma busca do apagamento do objeto do desejo, para que se tente sustentar uma completude impossível diante da própria condição de sujeito desejante. Em Machado e Freud encontramos questões que não se esgotam, que se mantêm fixadas no imaginário da humanidade, perpetuando o jogo entre o *ter* e o *ser*. Neste trabalho tecemos uma trama, na qual a urdidura é a incessante busca dos homens por *um* sentido, uma verdade buscada e jamais alcançada.

Palavras-chave: Verdade. Realidade. Desejo. Falta.

ABSTRACT:

Machado de Assis and Sigmund Freud overcame edifying certainties of the XIX century. With their works, styles and different origins they demonstrated the impossibility of the perfect meeting and the limits of *being a whole*. This work searches to, through these authors writings, demonstrate how the relation between psychoanalysis and literature can generate new effects in face of old and unsolvable enigma. From *Dom Casmurro* work, by Machado de Assis, we demonstrate the truth of the subject linked to the psychic reality. Indifferent to the reality of the facts, or delirious in its certainty, Bento Santiago *knows* about Capitu's betrayal, putting into relief the fear of the jealous in face of his lack. The psychoanalytic theory points out that in jealousy there is a search for fading out the desire object, to try to sustain an impossible completion in face of the proper condition of desiring subject. In Machado and Freud we find questions that are not exhausted, which remain fixed to the humanity imaginary, perpetuating the game between *having* and *being*. In this work we will twist a plot, where the intrigue is the incessant search of men for a sense, a fact sought and never achieved.

Keywords: Truth. Reality. Desire. Lack.

Sabemos que existe um trânsito conceitual instigante, inesgotável e quase sempre profícuo entre a Psicanálise e a Literatura. Por conseguinte, entre Freud e diversos autores como Shakespeare, Dostoiévski, Jensen e Schnitzler. Sigmund Freud nutriu-se da literatura para reforçar, explicar, provar e, principalmente, tornar mais belos os seus textos.

A literatura psicanalítica apresenta textos que, além de definirem conceitos, introduzem também experiência e reflexão para o leitor e, por meio de uma série de abordagens, impasses e avanços, fazem falar.

Sabemos que Freud era um médico neurologista, com forte sensibilidade estética literária; ele era minucioso ao escrever seus históricos clínicos, apresentando-os não como uma descrição de caso a ser estudado e dissecado, mas com um cuidado engenhoso com a forma. Será que leríamos Freud da mesma maneira, com o mesmo prazer, por mais de um século, se os seus textos não fossem tão belos?

Segundo Pedro Tavares:

o estético aparece em Freud como um recurso à teorização. Sua opção pelo literário, que se manifesta seja nas numerosas epígrafes, citações ou analogias de suas construções teóricas com autores cuja obra se articula à instituição do estético, ou mesmo em seu estilo próprio de exposição de suas ideias, poderia ser observado como uma forma de travestir o discurso teórico (TAVARES, 2007, p. 99).

Na opinião de Roudinesco:

se Freud tivesse continuado tributário de um modelo neurofisiológico, nunca teria conseguido atualizar os grandes mitos da literatura para construir uma teoria dos comportamentos humanos. Em outras palavras, sem a reinterpretação freudiana das narrativas fundadoras, Édipo seria apenas um personagem de ficção, e não um modelo universal do funcionamento psíquico: não haveria complexo de Édipo nem organização edipiana da família ocidental (ROUDINESCO, 2000, p. 129).

Ao dissertar sobre a função da literatura, Wellek e Warren expõem que “a história da Estética quase se pode resumidamente descrever como sendo uma dialética cuja tese e antítese são o *dulce* e o *utile* de Horácio: a poesia é doce e útil” e devemos saber que “quando uma obra literária exerce com êxito a sua função, os dois fatores referidos - prazer e utilidade - devem não só coexistir, mas fundir-se” (WELLEK; WARREN, 1955, p. 36-7).

Tanto a psicanálise quanto a literatura podem mover o homem para este trabalho “prazeroso, útil e instrutivo” e lançá-lo a uma busca de sentidos, sempre provisórios. Encontramos algo que impele, sugere, suscita ou obriga uma interpretação; que se repete exigindo decifração, mas que não se molda e não se reduz a qualquer tentativa de fechamento.

Freud escreveu a Wilhelm Jensen, o autor da *Gradiva*: “Nós – o escritor e o analista – provavelmente bebemos na mesma fonte, trabalhamos no mesmo objeto, cada qual com um método diferente” (in GAY, 1989, p. 296). Em Freud residia uma admiração pelo artista criador; ele dava ao ofício destes homens um lugar privilegiado em comparação ao do analista², uma vez que parecem conseguir apresentar o que a psicanálise tenta interpretar.

Nós, os leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade [...] em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nós julgássemos capazes. Nosso interesse intensifica-se ainda mais pelo fato de que, ao ser interrogado, o escritor não nos oferece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória (FREUD, (1908 [1907]) 1976, vol. IX, p. 144).

Perante a posição do analista, o criador da psicanálise é mais obscuro e pessimista:

Minha coragem vacila em me erguer perante meus semelhantes como um profeta, e curvo-me à sua censura de que não sei como lhes trazer consolo - pois é fundamentalmente isso que todos pedem, os revolucionários mais impetuosos tão apaixonadamente quanto os crentes devotos mais conformistas (FREUD *apud* GAY, 1989, p. 499-500).

Quiçá a literatura, então, ofereça um ponto de conforto a mais, por isso, ainda recorremos metonimicamente às obras literárias, numa insistência pelo encontro sempre adiado, numa ânsia pelo prazer, vislumbrado por um trabalho incessante.

Constitui resultado inevitável de tudo isso que passemos a procurar no mundo da ficção, na literatura e no teatro a compensação pelo que se perdeu na vida. Ali encontraremos pessoas que sabem morrer- que conseguem inclusive matar alguém. Também só ali pode ser preenchida a condição que possibilita nossa reconciliação com a morte: a saber, que por detrás de todas as vicissitudes da vida devemos ainda ser capazes de preservar intacta uma vida, pois é realmente muito triste que tudo na vida deva ser como um jogo de xadrez, onde um movimento em falso pode forçar-nos a desistir dele, com a diferença, porém, de que não podemos começar uma segunda partida, uma revanche (FREUD, (1915) 1974, vol. XVI, p. 329).

No literário encontramos a possibilidade de gerar estes novos efeitos, nos quais o sentido não é reduzido a um único saber, mas sim a algo que marca, autoriza, também claudica e, por isso, produz trabalho “impulsionado pelo desejo”. Culler resume:

o prazer da narrativa se vincula ao desejo. Os enredos falam do desejo e do que acontece com ele, mas o movimento da própria narrativa é impulsionado pelo desejo sob a forma de “epistemofilia”, um desejo de saber: queremos descobrir segredos, saber o final, encontrar a verdade. Se o que impulsiona a narrativa é a ânsia “masculina” de domínio, o desejo de desvelar a verdade (“a verdade nua”), então que tal o conhecimento que a narrativa nos oferece para satisfazer esse desejo? Esse conhecimento é ele próprio um efeito do desejo? Os teóricos fazem essas perguntas sobre os vínculos entre desejos, histórias e conhecimento (CULLER, 1999, p. 92-3).

Aqui encontramos o ponto no qual uniremos, neste trabalho, a Psicanálise e a Literatura: dialogaremos com Machado de Assis, a *verdade* e o *desejo* em *Dom Casmurro*. Não nos esquivemos em admitir que a psicanálise é a mola mestra deste trabalho e que a teremos como referencial, mas foi o próprio Machado de Assis que nos disse que “pode(mos) ir buscar a especiaria alheia, mas há que ser para temperá-la com o molho de sua fábrica” (ASSIS *apud* COUTINHO, 2004, p. 32).

Machado de Assis, nossa especiaria alheia, é considerado um dos mais importantes escritores da literatura brasileira. Nascido e tendo produzido a maior parte de sua obra no século XIX, traz peculiaridades e consonâncias com a realidade daquela época. Aliás, Machado se nutria desta realidade, mas não se limitava a ela. Há algo em seu discurso que perpassa seu tempo e se refaz até os nossos dias. Continuamos lendo Machado, estudando sua obra em disciplinas nas universidades, e por quê?

Se para esta pergunta Bosi (s.d., s.l.) comenta que ainda encontra um “hiato entre os conceitos da crítica e as figuras do texto-fonte”, podemos partir da ideia de que, neste autor, encontramos enigmas indecifráveis; são como uma fenda em que a impossibilidade do encontro é que obriga a não desistir da procura. Para Michel Wood:

Machado de Assis é nosso contemporâneo, pois as questões que põe em pauta reaparecem, se reeditam, assim como o jogo entre aparência e desejo, as contingências difusas, tudo isso que habita o Brasil de seu tempo, mas também o nosso: efeitos que provavelmente não vamos parar de encontrar (WOOD, 2002).

Assim, a leitura de Machado de Assis tem um custo alto para o espírito conformista, diz Schwarz (1997, p. 9). Sabemos que ele rompe com as certezas e quebra os sentidos, por isso sua leitura atravessa os séculos, porque nos atravessa enquanto sujeitos, sempre em busca de uma verdade jamais encontrada. Suspense em suspensão.

Afirmamos que a Psicanálise trilha seu caminho *machadianamente*. O trabalho só é possível com a suspensão da certeza, sendo este um traço marcante de Machado de Assis. Sempre há algo mais a se dizer, que paradoxalmente nunca poderá ser dito. Machado constrói um narrador sempre faltoso, pois, por mais que diga, acreditamos que sempre será duvidoso e não oferecerá uma verdade e um único saber ao leitor.

Pensando assim, *Dom Casmurro*, publicado em 1900, é uma destas grandes possibilidades de diálogo quando aponta justamente para algo que jamais poderá ser dito, que se mantém como faltoso. Por este viés, encontramos nesta obra um aspecto psicológico bastante importante, que sustenta a sua leitura há mais de um século: a incessante busca por

uma verdade sobre nós mesmos, que vemos representada no conflito sobre a possível traição de Capitu, pois mesmo que leiamos a obra por diversas vezes não encontraremos as respostas, porque não é disso que se trata. Sabemos? Pois, sim. Mas não há quem deixe de procurar.

A verdade toma várias formas com Bento, Capitu, com cada leitor, e são sempre na tentativa de dar conta do saber do homem sobre o universo, sobre o seu destino, que elas nos invadem. Queremos saber toda a verdade, mas dizê-la toda é impossível; só temos acesso a ela por pontas. Sobre a verdade, a psicanálise tem revelado que não se a alcança.

Se há algo que toda a nossa abordagem delimita, que seguramente foi renovado pela experiência analítica, é justamente que nenhuma evocação de verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semidizer, que ela não pode ser inteiramente dita porque, para além de sua metade, não há nada a dizer. Tudo o que se pode dizer é isto. Aqui, por conseguinte, o discurso se abole. Não se fala do indizível, por mais prazer que isso pareça dar a alguns (LACAN, 1992b, p. 49).

Machado parecia saber disso e soube fazer com isso. A literatura do século XIX não o pedia, pois *tudo estava no seu lugar*: intelectuais e ignorantes, homens livres e escravos, ricos e pobres. Portanto criar, ou melhor, mostrar outra face da sociedade era urgente. “Superavam-se as certezas edificantes próprias ao ciclo da formação da nacionalidade, certezas segundo as quais a atualização artística e a aquisição de aptidões literárias seriam serviços inquestionáveis prestados à pátria pelos seus dedicados homens cultos” (CANDIDO *apud* SCHWARZ, 1997, p. 13).

No que se refere ao nosso século, aos impasses que insistem e transitam pelo homem, encontramos as mesmas questões que não se esgotam. Em uma matéria exibida na TV, um médico da cidade de Blumenau estava receitando sexo para as pacientes que se queixavam de depressão. Chrobak já fazia menção a Freud sobre isto no ano de 1896.³ No entanto, assuntos que envolvem sexo, e tal como a obra por nós apresentada, o adultério, continuam povoando o imaginário da humanidade. Destinos: médico afastado da sua função e a traição gerando os mesmos conflitos. Capitu e Bentinho sempre se reatualizando.

Agora, paremos e olhemos retroativamente a leitura de *Dom Casmurro*. Bento Santiago segue sua vida, Ezequiel e Capitu estão mortos, depois de viverem anos na Europa, e foram lá mantidos por causa do suposto adultério de Capitu. Falemos em adultério, porque ele é uma verdade.

O narrador Bento Santiago nos fornece dados, tenta ser convincente porque para ele não há dúvida: sua esposa o traiu com seu melhor amigo e, neste sentido, encontramos o adultério como uma verdade. Vários críticos fizeram e ainda fazem - bem como grande parte

dos leitores - seu recorte do romance, apresentando suas questões e tomando partido ora de Capitu, ora de Bentinho. Schwarz (1997, p. 11) cita Alfredo Pujol que ataca a adúltera Capitu, Caldwell que a defende, apelando aos ciúmes do marido como causa do final do romance que começou ainda na infância, e John Gledson que levanta problemáticas sociais do moço rico que casa com a vizinha pobre. Podemos incluir H. Pereira da Silva, prefaciador das *Obras Completas de Machado de Assis*, de 1960, que afirma ser Capitu uma adúltera e que a ciência da hereditariedade a delatou. Diz, sem aparentar qualquer dúvida: “desde cedo Ezequiel repetia (ou revivia?) Escobar. Capitu atribuía os modos do menino ao espírito de imitação que há em toda criança. A semelhança, porém, além de espantosa, crescia dia a dia. Tem início então a parte científica” (ASSIS, 1969, p. 10).

A infinidade de leituras é que torna o romance tão interessante e permite as suas intermináveis discussões. Isto porque o narrador não dá explicações, provas, informações. Aliás, não é necessário, ele já sabe tudo de antemão, não há lugar para dúvida, ele não quer saber nada sobre isso. Diz-nos Walter Benjamin (1983, p. 203): “metade da arte narrativa está em evitar explicações”.

E segue comentando Leskov: “o extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor”. Neste sentido, o fechamento do narrador Bentinho em relação à *sua* verdade é justamente a possibilidade de abertura que Machado fornece em sua obra, porque é preciso desconfiar mediante a tanta certeza. “O livro tem algo de armadilha, com lição crítica incisiva - isso se a cilada for percebida como tal. Desde o início há incongruências, passos obscuros, ênfases desconcertantes, que vão formando um enigma” (SCHWARZ, 1997, p. 9).

Na primeira parte do romance, o ciúme de Bentinho é imperceptível, ou melhor, inaudível para o leitor, tamanho é o desvio de interesse para o romance de final feliz. Espera-se ardentemente que o jovem casal suba ao altar, afinal a humanidade já foi e sempre será permeada por histórias de amor, que como esta foram impossíveis: Romeu e Julieta, Peri e Ceci, Reth e Scarlet, Tristão e Isolda, mas a espera pelo *Happy End* permanece.

Bento Santiago se apresenta como um tipo social bastante comum da sociedade daquela época, moço de família abastada, cercado de empregados, alguns deles escravos. Reiteremos que este lugar é fundamental para entendermos a personagem, mas, além disso, encontramos um menino mimado, aparentemente medroso, atado às barras da saia da mãe - que havia prometido o filho ao seminário e se arrependera - e que aguardava uma boa oportunidade para virar-se contra aqueles que exerciam poder sobre ele, ou tentavam.

Nos dois primeiros capítulos Bento Santiago se apresenta como um homem resignado. Não é bom nem ruim, simplesmente vive, comendo bem e não dormindo mal. A memória e a idealização dos pais como um casal muito feliz, embora assuma que não era possível saber tudo sobre eles, não definem o que este homem poderia esperar de um casamento. “Se padeceram de moléstias, não sei, como não sei se tiveram desgostos: era criança e comecei por não ser nascido. [...]. São como fotografias instantâneas da felicidade” (ASSIS, 2004, p. 19).

José Dias era uma “oficina” para o jovem. O agregado achava que o ajudava com seus conselhos e Bento o seduzia com a possibilidade de ir morar na Europa, manipulando-o com sua aparente ingenuidade, em troca de ajudá-lo a persuadir Dona Glória a desistir da promessa de entregar o filho ao seminário. “O cinquentão de estampa respeitável, com bagagem retórica e cívica, além do ar de conselheiro que, no entanto, não passa de um moleque de recados, concentra admiravelmente as tensões contemporâneas dessa condição geral” (SCHWARZ, 1997, p. 19).

Schwarz (1997, p. 24) opõe José Dias à Capitu: para ele o primeiro não se concebe como indivíduo e a segunda satisfaz os quesitos da individuação. Pode ser que esta diferença marque bem as duas personagens, mas ambos também tinham algo em comum, que era seduzir Bento. José Dias não encontrava outra saída, tendo como base o lugar que ocupava naquela família, e Capitu, com seus olhos de ressaca, era sedutora. Era apaixonante, feliz, esperta e, principalmente, atrevida. Furor para os homens, principalmente quando falamos do “sem sal” Dom Casmurro.

Quando o leitor se coloca em posição de esburacar o narrador e não de se sensibiliza com o sofrimento de um ingênuo e educado rapaz de família, depara-se com uma narrativa concisa. Não nos apressemos, também não devemos desacreditar o narrador, temos que ouvi-lo através de suas queixas. Podemos pensar como Lacan, que alude a frase de Picasso *eu não procuro, acho* com o que temos na religião *não me procurarias se já não me tivesses achado* (LACAN, 1988, p. 15). Ou ainda mais adiante: *eu não acho, procuro*. Nesta procura está *Dom Casmurro*, porque arriscamos a dizer que, tal como a ordem do inconsciente, “não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado” (LACAN, 1988, p. 34.). Neste caso, a verdade nunca se realiza, o movimento não cessa, a leitura não termina.

Então, justamente por termos um narrador bastante suspeito e articulado, o seu discurso pode ser analisado e trabalhado sob diferentes perspectivas. Para Gledson (*apud* SCHWARZ, 1997, p. 12), “a conduta capciosa do autor protagonista não suspende o conflito

social nem a história, muito pelo contrário”. Sabemos que a leitura de Gledson não coincide com esta, que ora estamos introduzindo, mas as perguntas que a permeiam conduzem ao mesmo movimento de busca. Assim sendo, avancemos um pouco mais nesta outra área do conhecimento a que fizemos referência: a psicanálise.

A verdade do discurso foi uma das principais questões que marcaram o início da psicanálise. Em 1897, Freud escreveu a seu amigo Fliess: “Eu não acredito mais na minha *neurótica*”, e com isso toda a sua teoria da sedução estava abalada⁴. Os abusos sexuais supostamente sofridos por suas pacientes não eram verdade de fato e, justamente por isso, Sigmund Freud transformou a verdade do trauma em verdade da fantasia, a teoria da sedução na teoria do Édipo. Este é o primeiro registro em psicanálise de uma relação com a verdade, na qual Freud marca que o sujeito constitui sua realidade a partir de sua fantasia:

Também eles possuem determinada realidade. Subsiste o fato de que o paciente criou estas fantasias por si mesmo, e essa circunstância dificilmente terá, para a sua neurose, importância menor do que se tivesse realmente experimentado o que contém suas fantasias. As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva (FREUD, (1916[1916-1917]) 1980, vol. XVI, p. 430).

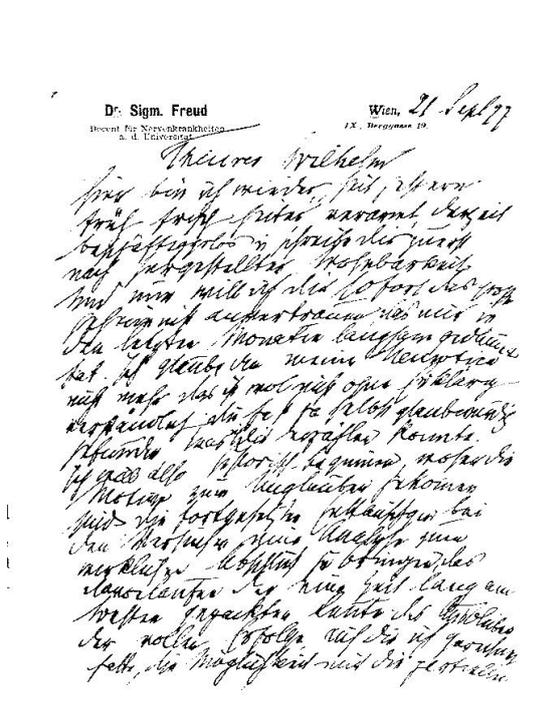


Figura 1: Página da importante carta que Freud enviou a Fliess, em 21 de setembro de 1897, explicando porque não mais considerava convincente a teoria da sedução como origem das neuroses.

Obviamente, não vamos resolver a questão afirmando que tudo não passou de imaginação de Bento. Entendemos que existem questões universais, enigmas que atravessam os séculos. E nos esbarramos em Schwarz: “a virada interpretativa excede em alcance o fascínio algo tacanho do traiu-não-traiu e também o âmbito familiar a que o conflito parece confinado” (SCHWARZ, 1997, p. 18). A partir daí ele parte para o componente social, mas nem por isso fecha o diálogo. Nós queremos conduzir a leitura ao ponto de percebermos o abismo existente entre os fatos e o que se constrói no discurso, pelo discurso e através dele. A articulação das palavras, o crédito dado ao exímio moço de família pode deixar qualquer leitor surdo. Para Lacan (1985, p. 43): “o sistema de linguagem, em qualquer ponto em que vocês o apreendam, nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido a um ponto de realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede de linguagem”.

O discurso de Bento, “do algoz em que se presumia a vítima” (SCHWARZ, 1997, p. 17), é comparável ao do sujeito que chega para uma análise, vitimado pelas pessoas, pela vida, pelo destino. É convincente porque acredita no que diz e suspender suas certezas pode ser um trabalho árduo e demorado. Mas se aceitar a análise, aceitará ser colocado em um lugar diferente daquele de vítima; precisará se implicar no que faz e diz. Sabemos que Dom Casmurro não queria que ninguém lhe desvendasse os olhos e até Ezequiel - que quando adulto o visitou - não foi mostrado a ninguém que pudesse dizer algo diferente do que ele acreditava. “Se fosse vivo, José Dias acharia nele a minha própria pessoa” (ASSIS, 2004, p. 943).

Na práxis analítica, o que está em voga não é a veracidade dos fatos e sim o discurso possível construído a partir deles. O pai que o analisante traz não coincide com aquele senhor barrigudo e de chinelos sentado em sua confortável cadeira diante da televisão. Melhor ou pior? Não importa, é o pai narrado pelo sujeito que se analisa; daquele de carne e osso pouco podemos saber. Se insistimos em uma verdade e num destino traçado de antemão, negamos a singularidade de cada sujeito e renunciamos à verdade própria da psicanálise, aquela do inconsciente.

Em suma, a história e a prática da psicanálise trazem a verdade em seu cerne e a diferenciam de outras áreas do conhecimento, principalmente das científicas. É importante lembrar das palavras de Lacan:

Insisto no fato de que Freud avançava numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas. O seu domínio é o da verdade do sujeito. A pesquisa da verdade não é inteiramente redutível à pesquisa objetiva, e

mesmo objetivante, do método científico comum. Trata-se da realização da verdade do sujeito, como de uma dimensão própria que deve ser destacada na sua originalidade em sua relação à noção mesma da realidade (LACAN, 1979, p. 31).

No discurso do narrador, aparece algo sobre dizer toda a verdade, como se ela existisse e ainda fosse possível dizê-la. “É grave e complexo, delicado e sutil, um destes em que o autor tem de atender ao filho, e o filho há de ouvir o autor, para que um e outro digam a verdade, só a verdade, mas toda a verdade” (ASSIS, 2004, p. 889).

Citando Montaigne, Bentinho confirma: “ora, só há um modo de escrever a própria essência, é contá-la toda, o bem e o mal” (ASSIS, 2004, p. 880). Mas nosso Casmurro é ambivalente: “a convicção com que me recebeu o papel e disse que ia ler e responderia é que não tem palavras nossas nem alheias que a digam de todo e com verdade” (ASSIS, 2004, p. 897).

O resto - diz Dom Casmurro- “é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum incidente”. Ou seja, diz Schwarz (1997, p. 15), tudo está em decidir se Capitu foi pérfida desde sempre ou depois de casada. De qualquer forma, pérfida ela sempre foi, por isso, poderíamos reforçar o lugar de Capitu para Bento com *cara eu ganho, coroa você perde*. Este é o marido ciumento. Em uma de suas melhores passagens Schwarz afirma:

não há como ter certeza da culpa de Capitu, nem da inocência, o que aliás não configura um caso particular, pois a virtude *certa* não existe. Em compensação, está fora de dúvida que Bento escreve e arranja a sua história com a finalidade de condenar a mulher. Não está nela, mas no marido, o enigma cuja decifração importa (SCHWARZ, 1997, p. 16).

Este espaço de intersecção entre duas leituras que partem de campos epistemológicos diferentes aponta para aquilo que viemos discutindo até então: cada sujeito tem a sua verdade e muitas vezes não há como abrir mão dela e se, como no texto que estamos citando, é pelo contexto social que o autor faz a sua análise, a psicanálise também não negligencia este aspecto, mas não procura encontrar ali suas respostas. O sujeito está inserido na sociedade, é atravessado pelos significantes, mas não é simplesmente um resultado dela.

De fato, é bastante pertinente a questão da diferença social entre o casal, sendo que foi por causa desta diferença, e não apesar dela, que Bentinho casou com Capitu. Aliás, do que são feitos os casamentos, senão disso? Desta procura por alguém que preencha o que lhes falta - por isso continua-se casando tanto, vã tentativa deste encontro; e conseqüentemente se divorciando tanto, encontro com o inevitável: a falta. Para Bento Santiago isto era insuportável.

A crer no próprio narrador, a virada em seu caráter data da sua decepção, da revelação de que Ezequiel é filho de Escobar. À luz dessa certeza - que o romance desautoriza - a independência moral e intelectual de Capitu, sem a qual Bentinho não teria escapado à batina, troca de feição e confirma as insinuações do começo. A mulher com ideias próprias tinha que dar em adultério e no filho do outro (SCHWARZ, 1997, p. 33).

Capitu tinha os olhos abertos para a vida; era mãe, tinha amizades, incluindo um amigo que encontrava na ausência do marido. Diferente do que pensa Schwarz (1997, p. 33), Bento não deixa de ser filho e se torna marido e proprietário. Filho e proprietário ele sempre foi porque, embora covarde, sabia que tinha todos em suas mãos desde sempre. Esta era a sua verdade, e ele lutava incessantemente por ela. A perda do domínio da interioridade, própria do sujeito freudiano, não se incluía no casamento de Bento e Capitu. Uma das grandes descobertas freudianas - que o eu não é senhor em sua própria morada - não servia ao filho de Dona Glória.

A problemática de ter e perder a amada poderia ser mais insuportável do que a sua ausência. Sim, relação de poder, mas também de engano. Ele esperava de Capitu algo que simplesmente não era, não existia, se perdera em suas fantasias de infância. A saída foi criar uma figura que ele fingia visitar na Europa, *sua* esposa. Sem dúvida, Capitu não era de ninguém. Schwarz tem razão quando fala que ela era um indivíduo.⁵

Na teoria psicanalítica, era um sujeito submetido ao seu desejo, e nele só havia lugar para o marido. Não foi por acaso que algumas das poucas palavras que Capitu memorizou em latim no dia do seu casamento foram: “sentei-me à sombra daquele que tanto havia desejado” (ASSIS, 2004, p. 903).

Sombra e desejo. Bentinho não podia compreender isto porque se baseava numa relação de posse, de ciúme.

No ciúme, o sujeito pensa possuir o objeto que preencherá sua falta [...] se não fosse o temor de perdê-lo. Ele acredita possuir o objeto agalmático, mas o afeto de ciúme vem despossuí-lo desse objeto fazendo aparecer a falta tão logo achado, tão logo perdido. O ciúme é o temor de perder o objeto do desejo para um outro. Quem é esse outro? É um semelhante, um outro-ele-mesmo, igual e real, um outro faltante, que procura preencher sua falta com o objeto que “é do sujeito”- é o outro na qual o sujeito projeta seu ser de falta (QUINET, 1990, p. 135).

Todas as artimanhas da moça eram para ver realizado o seu desejo de infância: casar com o vizinho e companheiro de brincadeiras. Para Freud, “só há felicidade quando se realiza um desejo de infância” (*apud* GAY, 1990, p. 18). Convenhamos que o “destino” não foi assim tão generoso com Capitu, ou lembremos que o desejo às vezes nos surpreende, senão

quase sempre. Bento tornava isto poesia: “donde concluo que um dos ofícios do homem é fechar e apertar muito os olhos a ver se continua pela noite velha o sonho truncado da noite moça” (ASSIS, 2004, p. 877).

Se pensarmos no investimento do desejo de Bento, também encontramos momentos de puro encanto. “Oh! minha doce companheira de meninice, eu era puro, e puro fiquei, e puro entrei na aula de S. José, a buscar de aparência a investidura sacerdotal, e antes dela a vocação. Mas a vocação eras tu, a investidura eras tu” (ASSIS, 2004, p. 862). Não importa se isto era verdade, mas sim, os efeitos de verdade que isto tinha em sua vida. E os ciúmes que ele sentia de Capitu faziam verdade qualquer coisa que lhe aparecesse pela frente. É indubitável o amor dele por ela, e aqui há um encontro entre a leitura social e a psicanalítica: o sentimento de posse de Dom Casmurro pela jovem dos olhos oblíquos e de ressaca revela o desencontro do amor. Bento estava à procura de um encontro perfeito, pura possessão. Para

Lacan (1988, p. 128): “ao persuadir o outro de que ele tem o que nos pode completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta”. Então, “[...] o amor [...] - é dar o que não se tem – e só se pode amar agindo como quem não tem, mesmo se se tem” (LACAN, 1992a, p. 345). É por isso não há encontro perfeito no amor, no trabalho, por fim, na vida. Pessimista? É certo que sim, mas nossa personagem também o era: “os anos passam, os acontecimentos vêm uns sobre os outros, e as sensações também, e vieram amizades novas que também se foram depois, como é a lei da vida” (ASSIS, 2004, p. 865).

Dom Casmurro revela seu mal-estar, sabe que a lei da vida, na maioria das vezes, é ter e perder, e ele não estava em condições de abrir mão de nada. O que poderia ser unicamente um traço neste indivíduo, teve que ser sentido na carne. A dor de existir foi levada das mãos do traidor às mãos do escritor. “Escobar apertou-me a mão às escondidas, com tal força que ainda me doem os dedos. É ilusão, decerto, se não é efeito das longas horas que eu tenho estado a escrever sem parar. Suspendamos a pena por alguns instantes...” (ASSIS, 2004, p. 902). Nestes instantes há uma abertura e revelam-se muito rapidamente os sentimentos daquela amizade iniciada no seminário. Há uma abertura para logo haver um fechamento. Semelhante relação faz Harari (1990) entre o inconsciente e o movimento de uma pálpebra, que abre para logo fechar-se. Nesta piscada, podem trabalhar analista e leitor.

Bentinho tinha as suas fantasias como qualquer homem e também como qualquer mulher, porque o século XXI já nos permite dizer isto, ainda que com certo cuidado. A amiga Sancha e a esposa do barbeiro que tocava rabeça povoavam a imaginação deste rapaz que desde cedo se sabia sedutor, mas sufocava-se deixando isso para a sua amada e os seus braços tão bem desenhados.

Posto que filho do seminário e de minha mãe, sentia já, debaixo do recolhimento casto, uns assomos de petulância e de atrevimento; eram do sangue, mas eram também das moças que na rua ou da janela não me deixavam viver sossegado. Achavam-me lindo, e diziam-mo, algumas queriam mirar de mais perto a minha beleza, e a vaidade é um princípio de corrupção (ASSIS, 2004, p. 905).

Se fosse possível para Bento Santiago sustentar todas estas ideias de certeza que apontamos no texto, o fidalgo, o Dom não precisaria ser tão cruel. Mas a contradição da personagem o fazia oscilar entre a razão completa e o reconhecimento da falta, da não completude, própria dos seres vivos, a verdade dos fatos e das suas fantasias. Ele sabia que a casa do Engenho Novo só poderia lembrar a de Matacavalos, os sentimentos ali vividos estavam perdidos. Em outros termos “falto eu mesmo, e essa lacuna é tudo” (ASSIS, 2004, p. 810).

A temática apresentada na obra *Dom Casmurro, verdade e saber*, não oferece uma resposta única, justamente porque mostra os limites de não ser todo, não poder ser marido e proprietário, de não ser um. Lacan diz que a primeira operação em que se funda o sujeito está calcada na alienação: “*A bolsa ou a vida!* Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada” (LACAN, 1988, p. 201).

Reconhecemos em Antonio Candido, quando diz que “dentro do universo machadiano, não importa muito que a convicção seja falsa ou verdadeira, porque a consequência é exatamente a mesma nos dois casos: imaginária ou real, ela destrói a sua casa e a sua vida” (CANDIDO, 1970, p. 25). Bentinho recalcou, mas o sabia: “Perde-se a vida, ganha-se a batalha ou ganha-se a vida, perde-se a batalha” (ASSIS, 2004, p. 867). Ele perdeu, pois este é o encontro com o inevitável.

NOTAS

¹ Parte desta discussão entre Psicanálise e Literatura foi trabalhada na dissertação de mestrado “A culpa na ficção Karamázov: entre o ato e a intenção”, da autora (2008), ainda não publicada.

² Na opinião de Gay (1989, p. 296), Freud “havia observado com indisfarçada inveja que os poetas e pintores ‘possuem em sua arte uma chave-mestra para abrir facilmente todos os corações femininos, ao passo que nós ficamos desamparados frente aos estranhos desígnios do cadeado e antes temos de nos atormentar para descobrir uma chave adequada a ele.’ Por vezes, os comentários de Freud a respeito dos poetas soam como a vingança do cientista sobre o artista. [...]. O fato de ter certas ambições artísticas pessoais, como é largamente demonstrado por seu estilo literário, apenas tornou ainda mais aguda sua inveja do artista.”

³ “Quando Caroba chegou, levou-me a um canto e disse que a ansiedade da paciente era devido ao fato de que, embora estivesse casada há dezoito anos, ainda era *virgo intacta*. O marido era absolutamente impotente. Nesses casos, disse ele, o médico nada podia fazer a não ser resguardar esta infelicidade doméstica com sua própria reputação, e resignar-se quando as pessoas dessem de ombros e dissessem dele: ‘Não vale nada se não pode curá-la depois de tantos anos.’ A única receita para essa doença, acrescentou, nos é bastante familiar, mas não podemos prescrevê-la. É a seguinte: R. *Pênis normais dosim repetatur!*” (FREUD, 1974, Vol. XIV, p. 24).

- ⁴ Segundo Gay (1989, p. 98) “Freud precisou corrigir um sério passo em falso que dominara seu pensamento em meados dos anos de 1890. Teve que se desfazer da chamada teoria da sedução, a asserção de que todas as neuroses são resultantes do abuso sexual de uma criança, praticado por um adulto, geralmente o pai”.
- ⁵ Sobre este ponto, ver WEBER (s.l., s.d., p. 6): “Para mim, enfim, as personagens são, sim, tipos sociais, sendo de se questionar, inclusive, a possibilidade de existência do *indivíduo*, como tal, numa sociedade escravocrata [...]”.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.
- _____. *Obra Completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BOSI, Alfredo. Machado de Assis: o enigma do olhar. In: WEBER, João Hernesto. *Algum desconforto crítico*. s.l., s.d.. Texto mimeografado. p. 2.
- CANDIDO, Antonio. *Esquema de Machado de Assis*. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- COUTINHO, A. Introdução geral. In: ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p.32.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de Guerra e morte. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (1915)*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 329.
- _____. A história do movimento psicanalítico. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 24.
- _____. Conferência XXIII. Os caminhos da formação dos sintomas. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. 16, p. 430.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (1907/1908). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, p. 144.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. Sigmund Freud: um alemão e seus dissabores. In: SOUZA, Paulo César (org). *Sigmund Freud & o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HARARI, Roberto. *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. Campinas: Papirus, 1990.

LACAN, Jacques. Os escritos técnicos de Freud. In: *O Seminário. Livro 1*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, (1953-54)1979.

_____. As psicoses. In: *O seminário. Livro 3*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1955-56) 1985.

_____. A transferência. In: *O seminário. Livro 8*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1960-61) 1992a.

_____. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In: *O seminário. Livro 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1964) 1988.

_____. O avesso da psicanálise. In: *O seminário. Livro 17*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1969-70) 1992b.

QUINET, Antonio. Entrevista: Somos sempre ciumentos? In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre: APPOA, v. 1, n. 1, p. 135, 1990.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUZA, Paulo César (org.). *Sigmund Freud & o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

TAVARES, Pedro Heliodoro M. B. *Freud e Schnitzler: sonho sujeito ao olhar*. São Paulo: Annablume, 2007.

WEBER, João Hernesto. *Algum “desconforto crítico”*. s.l., s.d. Texto mimeografado.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria Literária*. Lisboa: Publicações Europa América, 1955.

WOOD, Michel. Artigo: Um mestre entre ruínas. Caderno MAIS. *Folha de São Paulo*, 21 jul. 2002.